

A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL ESTÁ CHEGANDO?

Por Gabriel Camilli *



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Aumento da tensão entre Rússia e OTAN, impulsionado por acusações de violações do espaço aéreo e ameaças militares recíprocas; em meio à “guerra cognitiva”, o envio de mísseis Tomahawk e incidentes com drones intensificam o risco de um conflito maior.

Hoje, abordaremos o antigo problema da violação do espaço aéreo da OTAN por caças russos, uma antiga rotina da Guerra Fria que pode ocultar diversas agendas. Será que eles conseguirão acender o pavio que incendeia o barril de pólvora?

As tensões entre a Rússia e a OTAN estão aumentando depois que a Aliança alertou que usaria meios militares para se defender e a Rússia respondeu que abater um caça significaria guerra, exacerbando os temores na Europa de um conflito em expansão.

Esse cenário ocorre após notícias de violações (reais ou supostas) do espaço aéreo por aeronaves russas e da ativação do Artigo 4 do Tratado de Washington pelos aliados afetados, reforçando a postura de defesa e dissuasão da OTAN diante da crescente “agressão russa”, que vem sendo intensamente destacada pela mídia atlantista, soando os tambores da guerra.

Assim transcreveu Davide Bartocchini: “A Rússia não deve ter dúvidas: a OTAN e seus aliados empregarão, em conformidade com o direito internacional, todos os meios militares e não militares necessários para se defender”, declararam porta-vozes da

Aliança em comunicado divulgado na terça-feira. “Se abaterem um dos nossos caças, será guerra”, responderam imediatamente os porta-vozes do Kremlin.

REGRAS DE ENGAJAMENTO

Essas palavras aumentam a tensão e aterrorizam a Europa, que teme uma frouxidão nas “regras de engajamento” que possa arrastar o Velho Continente para uma guerra que muitos acreditam que já estamos travando, pelo menos em formas híbridas e não convencionais.

Desde 2022, mais de 60 casos de violações do espaço aéreo da OTAN foram registrados, e a consciência de que um único erro ou incidente nos céus da OTAN poderia levar à expansão do conflito ucraniano, o que arrastaria a OTAN para um confronto direto com a Federação Russa, continua sendo o pesadelo de muitos.

Em nossa coluna, insistimos na guerra cognitiva sobre a mente de cada cidadão, juntamente com a ilusão e a Névoa da Guerra 2.0, gerando uma atmosfera pesada e densa, que acreditamos ter como objetivo distrair e amenizar o fracasso das operações militares da aliança Ucrânia-OTAN. Em seu canal no YouTube, nosso colega, o coronel espanhol Pedro Baños, nos conta: *“As notícias são mais do que preocupantes, caros amigos. Não é brincadeira. Vejam, há dias nos dizem que aviões russos estão entrando no espaço aéreo de países da OTAN. Parece que não é bem assim, mas não importa. Parece que aviões russos estão prestes a bombardear esses países da OTAN. A questão dos drones, o que está acontecendo? Bem, constantemente observando, sim, existem drones, vocês sabem, russos, claro, eles até dizem que sabem dos navios que esses drones russos estão decolando para entrar no espaço aéreo dinamarquês, sueco, norueguês. Últimas notícias, como eu li aqui. Drones perto da principal base naval da Suécia. À noite, moradores de Karlskrona, mais uma: avistaram drones sobrevoando o arquipélago, perto da principal base naval do país. Tentativas de abatê-los foram infrutíferas. Karlskrona é o coração da Marinha sueca, de onde o Mar Báltico é monitorado.”*

Para fundamentar nossa análise, também em conversas recentes, o coronel aposentado dos EUA Douglas Macgregor nos diz: *“O que estamos vendo agora em grande parte da Europa é uma última tentativa desesperada das elites governantes globalistas, seja em Bruxelas ou Paris, Londres ou Berlim, e obviamente em Estocolmo e Copenhague, de criar a ilusão de guerra que desviará a atenção das políticas desastrosas adotadas nos países mencionados. Não sei o que está acontecendo na Suécia, mas posso dizer que, na Grã-Bretanha, é claro, quase um milhão de pessoas foram às ruas de Londres para protestar contra o governo Starmer. Acho que os dias do governo Starmer estão contados. Agora, por quê? Será porque o governo Starmer está, de alguma forma, exigindo outra guerra entre a Grã-Bretanha e a Rússia? Não! Acho que eles querem se livrar do governo Starmer porque o povo britânico tem chegado cada vez mais à conclusão correta de que seu inimigo não está na Rússia. Seu inimigo não está no continente europeu.”* O coronel Macgregor é direto em suas palavras: *“Seu inimigo está dentro do seu próprio país (referindo-se à Grã-Bretanha). Esse inimigo é principalmente o seu governo...”* e continua: *“Isso está chegando aos franceses. Está chegando até aos alemães, que estão quase tão cegos pela mídia quanto os suecos e os dinamarqueses. Mas os alemães estão finalmente acordando. Essa grande mentira — de que Putin sempre se interessou em ir muito além do que já fez — está finalmente sendo notada. Putin reagiu a uma ameaça muito perigosa à Rússia. Putin não acordou de repente e*

decidiu invadir o leste da Ucrânia. As áreas que ele ocupa são, tanto histórica quanto atualmente, predominantemente russas em termos de cultura, idioma e etnia. Acho que a grande mentira está se desfazendo. Agora, não sei o que está acontecendo na Suécia, mas os suecos deveriam acordar, porque não há razão para hostilidade e conflito com a Rússia. Simplesmente não há."

UMA GUERRA SEM FIM

Hoje em dia, lemos nas manchetes: a Ucrânia provavelmente receberá mísseis Tomahawk para uma contraofensiva. O próximo ponto de virada ou apenas mais conversa fiada? A Ucrânia supostamente receberá mísseis Tomahawk para forçar Vladimir Putin a assinar um tratado de paz.

"A maior vantagem do Tomahawk sobre todas as armas atualmente disponíveis para as Forças Armadas ucranianas é seu longo alcance", escreve Illia Kabachynskyi. Para conter a agressiva campanha expansionista de Vladimir Putin, os proponentes da guerra na Ucrânia provavelmente agora recorrerão a armas de longo alcance. Segundo a Reuters, os Estados Unidos estão analisando o pedido da Ucrânia por mísseis Tomahawk de longo alcance "para seus esforços de repelir invasores russos", disse o vice-presidente J. D. Vance, segundo a agência de notícias. O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, aparentemente conseguiu fazer com que seus pedidos de longa data chegassem ao presidente americano, Donald Trump. A Rússia reage com alarme.

Vale lembrar que o BGM-109 Tomahawk é um míssil de cruzeiro subsônico de longo alcance, de origem americana, para todas as condições climáticas. Foi projetado pela General Dynamics na década de 1970 como um míssil de médio a longo alcance, capaz de voar em baixas altitudes a velocidades subsônicas, permitindo seu lançamento a partir de um submarino submerso ou do convés de uma fragata de mísseis. Ele foi aprimorado diversas vezes e, por meio de diversas aquisições corporativas, agora é fabricado pela empresa de tecnologia militar Raytheon Technologies. Alguns Tomahawks também foram fabricados pela McDonnell Douglas. Seu alcance máximo é de 1.600 km e sua capacidade de ataque pode acomodar qualquer tipo de explosivo, incluindo ogivas nucleares.

COMO ESTÃO AS COISAS NA FRENTE? De acordo com o site oficial do Ministério da Defesa francês, a situação operacional geral é a seguinte:

- No terreno, as forças russas (FAFR) mantêm pressão constante ao longo de toda a frente, ganhando terreno nas frentes do Donbass;
- Em profundidade, ataques russos significativos se limitam à parte oriental da Ucrânia, com alvos em todas as províncias da linha de frente em apoio às operações, bem como infraestruturas estratégicas de alto valor e rotas de comunicação. Os ucranianos continuam sua campanha contra a infraestrutura energética russa;
- Durante a noite de 27 para 28 de setembro, a Força Aérea russa realizou seu terceiro maior ataque registrado desde o início do ano, empregando 595 drones e 48 mísseis, principalmente contra Kiev e Zaporizhia.

Evidentemente, o aparecimento de drones perto de um local tão estratégico como Karlskrona, o coração da Marinha sueca, é alarmante. Neste caso, pode ser um reconhecimento ou um teste para as defesas suecas.

Ultimamente, temos visto em canais de televisão suecos, noruegueses e dinamarqueses, políticos e militares de alta patente se manifestando, dizendo que esta é uma ação russa e que eles estão se preparando não apenas para abater drones, mas também aeronaves russas que estejam passando pelo Mar Báltico. Lembremos que eles não têm escolha se quiserem ir de seu território para Kaliningrado, que é outro território russo entre a Polônia e a Lituânia.

A ÚLTIMA FAGULHA

Como já dissemos nesta coluna, isso pode desencadear a última fagulha a qualquer momento. Os aeroportos de Copenhague e Oslo suspenderam suas operações por várias horas devido a drones não identificados. O aeroporto de Copenhague, o mais movimentado do norte da Europa, suspendeu suas operações por quase 24 horas.

Os voos foram retomados pela manhã após drones serem avistados no espaço aéreo dinamarquês. Na Noruega, o aeroporto Gare de Moën, em Oslo, também foi fechado por aproximadamente três horas após a detecção de um drone não identificado, e os voos foram redirecionados.

O resultado de tudo isso: aparentemente, Zelensky e os europeus conseguiram convencer Trump a fornecer mais armas, como escreveu recentemente o jornalista Moritz Gathmann para o *think tank* alemão Friedrich Ebert Foundation. Após os ataques (ou supostos ataques) de drones contra países da OTAN na periferia leste da aliança de defesa, os Estados Unidos mais uma vez proclamaram abertamente seus laços estreitos com seus aliados europeus.

Esta guerra longa, irrestrita e sem fim continua.

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
